

Morfologia verbal do galego-português: a acção niveladora da analogia

M^a Fernanda Moreira Gonçalves

Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras

A constatação de que a morfologia verbal da fase arcaica da língua portuguesa (desde o português de Duzentos ao português do início da era de Quinhentos) era um domínio insuficientemente explorado quer em gramáticas históricas, quer nos estudos de carácter linguístico que acompanham as edições de textos ou ainda nas poucas obras de conjunto acerca da história da língua portuguesa, conduziu-nos recentemente à elaboração de um estudo sincrónico-descritivo da morfologia verbal da 1^a fase arcaica, designada por fase galego-portuguesa (início do séc. XIII a meados do séc. XIV), no qual procedemos à reconstituição e análise dos paradigmas dos verbos de padrão regular e de padrão especial, com base num amplo *corpus* seleccionado da produção textual remanescente desse período¹.

Contudo, nesta comunicação, pretendemos cingir-nos à aportação de alguns dados relativos à acção da analogia no sistema verbal do galego-português. A análise da documentação subsistente proporcionou o registo de várias formas verbais inovadoras, pertencentes aos verbos de padrão especial, cujo surgimento é habitualmente explicado por analogia com outras formas. Tentaremos, assim, destacar os diversos tipos textuais em que este fenómeno ocorre, bem como contribuir para o estabelecimento de uma cronologia, pois embora o nivelamento analógico seja habitualmente remetido para a 2^a fase arcaica da língua, pensamos poder afirmar que este se iniciou já na 1^a fase, o que demonstra a grande duração dos fenómenos de mudança linguística.

Neste momento, parece-nos oportuno salientar que, aquando da análise dos textos antigos, tivemos bem presente as reservas que alguns deles exigem devido à sua tradição textual. De facto, enquanto a documentação não-literária apresenta geralmente as coordenadas de tempo e de espaço em que os textos foram produzidos e o seu respectivo autor, os textos literários remanescentes debatem-se com complexos problemas de datação e, na sua maioria, chegaram até nós através de

¹ Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa apresentada, em 1999, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com o título *A morfologia verbal do galego-português. Contributos para um estudo sincrónico-descritivo*, realizada sob orientação científica da Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia. Para que o leitor tome consciência do *corpus* analisado, ver bibliografia relativa a fontes documentais do século XIII (p. 140-142) e do século XIV – 1^a metade (p. 142-143).

traduções e/ou cópias, algumas delas bastante posteriores ao original, o que, eventualmente, poderá resultar num adulteramento da língua patente nos textos originais, uma vez que o copista pode ter introduzido traços da língua da época em que efectuou a cópia. A este propósito, convém referir que algumas das formas verbais inovadoras foram recolhidas nos livros de linhagens, conhecidos através de cópias do século XVII, e do *Livro de Alveitaria do Mestre Giraldo*, que se encontra conservado numa cópia do século XV, facto que exige uma certa prudência quanto a encará-las como formas utilizadas na linguagem escrita da 1ª fase arcaica e, conseqüentemente, torna algo falacioso o estabelecimento de cronologias. Ainda assim, optámos por considerar estas formas, pelo facto de, geralmente, as mesmas também ocorrerem em textos com uma tradição textual unívoca, oferecendo assim uma maior segurança.

Assim sendo, a partir, sobretudo, da 2ª metade do século XIII, e em diversos tipos de fontes, assiste-se ao surgimento, ainda que esporádico, de formas do tipo analógico, que passamos a analisar de seguida.

1 – Formas do Futuro do Indicativo e do Condicional: verbos *teer*, *viir*, *poer*, *valer*, *sair* e *falir*

Na documentação analisada, as ocorrências dos verbos supra-mencionados surgem maioritariamente com as formas etimológicas, apresentando, portanto, a vibrante dupla, como é habitual no período arcaico da língua – *terrei*, *terrás*, *terrá*; *verremos*, *verram*; *porrei*, *porremos*, *porran*; *falrrá*, *falrria*; *salrrá*, *salredes*, *salrriam*; *ualrrá*, *valredes*, *ualrria* – uma vez que na origem da sua formação se encontram as formas perifrásticas constituídas por infinitivo e presente de HABERE, para o Futuro, e infinitivo e imperfeito do indicativo de HABERE, para o Condicional, o que, por vezes, originou a ocorrência de determinados fenómenos fonéticos que alteraram a configuração do primeiro elemento.

Todavia, a partir da 1ª metade do século XIII, e em diversos tipos de fontes, foi possível recolher formas esporádicas do Futuro do Indicativo e do Condicional destes verbos que apresentam a vibrante simples, certamente por analogia com o Infinitivo dos mesmos.

Para os verbos *teer*, *viir* e *poer*, o aparecimento de formas analógicas verifica-se essencialmente na 1ª metade de Trezentos, em obras de prosa histórica e de carácter técnico: *General Estoria*, tradução galega da *Crónica General y de la Crónica de Castilla*, *Livro de Linnhagens do Deão*, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, *Livro de Alveitaria do Mestre Giraldo*. Atentemos, pois, nas formas recolhidas: *teer* – Fut. Ind.: *teeras* – P2 (LA², p. 59, l. 19); *teera* – P3 (LA, p. 12, l. 18); *teëra* – P3 (GE, p. 284, l. 33); *viir* – Cond.: *ueria* – P3 (TCG, p. 691, l. 14-17); *veeria* – P3 (LA, p. 8, l. 20); *vijra* – P3 (GE, p. 203, l. 20); *vijria* – P3 (GE,

² A referência bibliográfica completa das fontes documentais citadas neste artigo e respectivas abreviaturas encontram-se no final do mesmo.

p. 27, l. 22); *viria* – P3 (LLD, p. 61, pg. 2, l. 5); *vijram* – P6 (GE, p. 269, l. 9); *poer* – Fut. Ind.: *pora* – P3 (TCG, p. 352, l. 27); *poremos* – P4 (LLD, p. 61, pg. 2, l. 14); Condic.: *poeria* – P3 (LLCP, p. 225, pg. 7, l. 25). Para além das formas atrás citadas, registou-se ainda uma única ocorrência da forma *tereí*³ – P1: Fut. Ind. (CA, v. 9959) num texto poético, presente no *Cancioneiro da Ajuda*, cuja autoria é atribuída ao trovador Men Rodrigues Tenreiro e, portanto, datável da 2ª metade do século XIII⁴.

No que concerne o verbo *valer*, verifica-se igualmente a coexistência de formas etimológicas – *ualrrá*, *valredes*, *ualrria*, *valria*, etc.–, claramente predominantes, e formas analógicas, das quais se recolheram poucos exemplos. Formas deste tipo encontram-se documentadas a partir da 1ª metade do século XIII, como se poderá depreender da presença da forma *valerá* – P3: Fut. Ind. numa composição poética, patente no *Cancioneiro da Ajuda* (CA, v. 7501), da autoria de Fernan Rodrigues de Calheiros e da forma *valeria* – P3: Condic. no texto legislativo *Flores de Dereyto* (FD, p. 28, l. 538). Na 1ª metade do século seguinte, recolheram-se as formas *valera* – *vallera* – P3: Fut. Ind. no *Livro de Alveitaria do Mestre Giraldo* (LA, p. 40, l. 10; p. 40, l. 15, respectivamente).

Relativamente ao verbo *sair*, também se assiste à convivência entre formas etimológicas, possuidoras do lexema SAL- (*salrrá*, *salremos*, *salredes*, *salrria*, *salrriam*, etc.), e formas analógicas com o lexema SA-, detectando-se um certo equilíbrio quanto ao número de ocorrências. Assaz interessante é verificar que das formas verbais de feição mais recente se encontram alguns exemplos já em textos datáveis do século XIII. Deste modo, nas *Cantigas de Santa Maria* recolheram-se as seguintes formas: *sairás* – P2: Fut. Ind. (CSM, c. 274, l. 62); *sayrá* – P3: Fut. Ind. (CSM, c. 237, l. 96); *sayrán* – P6: Fut. Ind. (CSM, c. 120, l. 12); *sairya* – P3: Condic. (CSM, c. 340, l. 47). Numa cantiga da autoria de Nuno Fernandez de Mirapeixe, presente no *Cancioneiro da Ajuda*, registou-se também a forma *sairéi* – P1: Fut. Ind. (CA, v. 7322), tendo-se recolhido ainda a forma *sairá* – P3: Fut. Ind. numa cantiga atribuída a Pero Gomez Barroso, presente nas *Cantigas de escarnho e de mal dizer* (CEM, c. 392, l. 25). Dentro do mesmo período, encontrou-se a forma *sayrá* – P6: Fut. Ind. no *Foro Real* de Afonso X (FR, liv. I, l. 73). Na 1ª metade de Trezentos, aparecem alguns exemplos deste tipo de formas em duas obras de prosa literária – na tradução galega da *Crónica General y de la Crónica de Castilla* e na *General Estoria*: *s(e)eyrey* – P1: Fut. Ind. (TCG, p. 362, l. 36); *sayras* – P2: Fut.

³ É interessante notar que, embora esta forma se encontra patente numa composição poética do *Cancioneiro da Ajuda*, Carolina Michaëlis considera-a um engano quando faz referência à mesma no Glossário. Cf. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904). (Acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário do *Cancioneiro da Ajuda*, publicado na *Revista Lusitana*, vol. XXIII, 1920). 2 vols. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1990, vol. I, p. 88.

⁴ Para o estabelecimento da cronologia da actividade poética dos trovadores referidos ao longo do artigo, socorremo-nos do *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, organizado por GIUSEPPE TAVANI e GIULIA LANCIANI, Lisboa (Editorial Caminho), 1993.

Ind. (GE, p. 227, l. 10); *sayra* – P3: Fut. Ind. (GE, p. 197, l. 34); *sayremos* – P4: Fut. Ind. (TCG, p. 551, l. 42; p. 568, l. 39-41); *sayrã* – P6: Fut. Ind. (GE, p. 202, l. 30); *sayram* – P6: fut. Ind. (GE, p. 221, l. 26; p. 236, l. 14); *sayria* – P3: Condic. (GE, p. 171, l. 32; p. 198, l. 11, etc.); *seyria* – P3: Condic. (GE, p. 297, l. 9 / TCG, p. 583, l. 19, etc.); *sayriam* – P6. Condic. (GE, p. 200, l. 4; p. 202, l. 16).

No Futuro do Indicativo e no Condicional do verbo *falir*, raramente documentado na fase galego-portuguesa da língua, as formas etimológicas variam com as analógicas, tendo-se registado escassos exemplos em composições poéticas das *Cantigas de Santa Maria*: *falrrá* – P3. Fut. Ind. (CSM, c. 288, l. 43); *falrria* – P3: Condic. (CSM, c. 421, l. 26); *falirá* – P3: Fut. Ind. (CSM, c. 290, l. 17); *falirám* – P6: Fut. Ind. (CSM, c. 399, l. 6).

2 – Formas do perfeito e tempos afins: verbos *fazer* e *teer*

No perfeito e tempos afins dos verbos atrás referidos, a generalidade das ocorrências possui a vogal *-e-* no lexema, como é característico do período arcaico da língua: *fezeste, fezera, fezessedes; teveste, tevera, teveren*; etc. O lexema com a vogal *-i-* ocorre predominantemente em formas da 1ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo: *fiz, fize; tiue, tiuy*; etc.

No entanto, a partir da documentação analisada foi possível efectuar a recolha esporádica de formas correspondentes a outras pessoas e tempos que também apresentam o lexema em questão devido à propagação analógica do vocalismo da 1ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo às restantes pessoas deste e dos outros tempos do perfeito.

No que respeita ao verbo *fazer*, registaram-se formas com *-i-* no lexema nos seguintes tempos e pessoas: Pret. Perf. Ind. (P2 e P6); P. m. q. Perf. Ind. (P3); Pret. Imperf. Conj. (P3 e P6); Fut. Imperf. Conj. (P3 e P6). Lançando um olhar pelo tipo de fontes onde tais formas se encontram documentadas, apercebemo-nos que as mesmas começam a aflorar na linguagem dos textos escritos na 2ª metade do século XIII, como o comprovam as formas recolhidas nalgumas composições poéticas das *Cantigas de Santa Maria* – *fiziste* – P2: Pret. Perf. Ind. (CSM, c. 75, l. 156TO; c. 362, l. 51TO; c. 401, l. 101TO); *fizisti* – P2: Pret. Perf. Ind. (CSM, c. 84, l. 63TO); *fizeron* – P6: Pret. Perf. Ind. (CSM, c. 224, l. 43); *fizera* – P3: P. m. q. Perf. Ind. (CSM, c. 34, l. 2TO); numa obra de carácter legislativo – *Foros de Castelo Rodrigo* – *fizer* – P3: Fut. Imperf. Conj. (FCR, p. 139, l. 18); *fizeren* – P6: Fut. Imperf. Conj. (FCR, p. 139, l. 24-26); no *Livro Velho de Linhagens* – *fizeram* – P6: Pret. Perf. Ind. (LV, p. 42, pg. 10, l. 4) e numa carta régia datada de 1299 – *ffizesse* – P3: Pret. Imperf. Conj. (DMSCC, p. 102, t. 31, l. 12). Quanto à 1ª metade da era de Trezentos, formas de tipo semelhante surgem documentadas no *Livro de Linhagens do Deão* – *fizerom* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLD, p. 127, pg. 7, l. 3-6; p. 155, pg. 8, l. 1); *fizeram* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLD, p. 159, pg. 9, l. 5, etc.); *fizera* – P3: P. m. q. Perf. Ind. (LLD, p. 172, pg. 9, l. 4); *fizesse* – P3: Pret. Imperf.

Conj. (LLD, p. 125, pg. 1, l. 3-4); *fizessem* – P6: Pret. Imperf. Conj. (LLD, p. 150, pg. 2, l. 3); no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* – *fizerom* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLCP, p. 93, pg. 11, l. 5); *fizera* – P3: P. m. q. Perf. Ind. (LLCP, p. 433, pg. 9, l. 22); e na *Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla* – *fizerō* – P6: Pret. Perf. Ind. (TCG, p. 899, l. 38).

Quanto ao verbo *teer*, os textos analisados atestam que formas deste tipo surgem raramente, encontrando-se as mesmas documentadas no *Livro Velho de Linhagens* – *tivesses* – P2: Pret. Imperf. Conj. (LV, p. 48, pg. 1, l. 38-47); no *Livro do Deão* – *tiverom* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLD, p. 150, pg. 2, l. 3), mas também numa carta de confirmação pertencente à Chancelaria de Afonso III, datada de 1278 – *tiueffe* – P3: Pret. Imperf. Ind. (DPC, p. 260, l. 30).

3 – Presente do Indicativo (P1) e Presente do Conjuntivo: verbos *sentir*, *pedir*, *arder*, *perder* e verbos terminados em *-cer*

Os verbos atrás mencionados caracterizam-se por possuírem um lexema específico para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e para o Presente do Conjuntivo. Contudo, a análise dos textos remanescentes revelou a ocorrência rara de formas que denotam a influência analógica das restantes pessoas do Presente do Indicativo e dos outros tempos do não-perfeito.

Assaz interessante é a situação oferecida pela 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e pelo Presente do Conjuntivo do verbo *sentir*, uma vez que se regista a convivência de formas com o lexema SENÇ-, com evolução fonética regular a partir do latim, e formas que apresentam o lexema SENT-, denunciando, deste modo, que a acção niveladora da analogia já estaria em curso. Observando os paradigmas reconstituídos, salienta-se a ocorrência isolada da forma *seno* – P1: Pres. Ind. num texto notarial galego datado de 1290, presente na *História do galego-português* (HGP, p. 199, t. 106, l. 31), deveras importante na medida em que sugere que o nivelamento analógico da primeira com as restantes pessoas do paradigma do Presente do Indicativo já se havia iniciado no século XIII. É, no entanto, o Presente do Conjuntivo que apresenta uma maior riqueza de formas. De facto, o lexema SENÇ- apenas surge em ocorrências esporádicas da 3ª pessoa do singular e da 2ª pessoa do plural em textos pertencentes ao período trovadoresco: *sença* (CSM, c. 167, l. 23; c. 220, l. 22); *sençades* (CEM, c. 104, l. 6-12-18). Interessante é o surgimento isolado de formas pertencentes ao composto *consentir*, que apresentam o lexema SENT- neste tempo verbal, a partir da 2ª metade do século XIII. Por conseguinte, registou-se a forma *consenta* – P3 no *Foro Real* (FR, liv. II, l. 70) e a forma *consentades* – P5 na obra *Flores de Dreyto* (FD, p. 5, l. 37), dois textos de natureza legislativa, cronologicamente situáveis na 2ª metade de Duzentos. Na 1ª metade do século seguinte, recolheu-se a forma *consentas* – P2 no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (LLCP, p. 124, pg. 2, l. 8) e a forma *consentades* – P5 numa carta régia redigida em 1317 (DMSCC, p. 124, t. 49, l. 22-23). É oportuno

tuno lembrar que formas deste tipo tinham sido recolhidas somente em textos cronologicamente situáveis a partir de meados do século XIV⁵. Assim sendo, os dados por nós apresentados fazem anteceder um século o início deste fenómeno.

Para além das abonações atrás assinaladas, merece ainda especial referência a ocorrência rara de formas do Presente do Conjuntivo que possuem o lexema SINT-, analogamente às do português moderno. Na documentação analisada, registou-se a forma *synta* – P3 na *General Estoria* (GE, p. 141, l. 17) e a forma *consintades* – P5 na tradução galega da *Crónica General y de la Crónica de Castilla* (TCG, p. 617, l. 5; p. 637, l. 45), obras em prosa literária da 1ª metade do século XIV. Contudo, já na 2ª metade do século anterior foi possível recolher a forma *consintades* – P5 num texto legislativo intitulado *Flores de Dereyto* (FD, p. 8, l. 104). O aparecimento de formas com este tipo de lexema⁶ nos textos analisados permite-nos constatar a convivência destas com aquelas cujo lexema correspondia inicialmente a SENÇ- e, mais tarde, a SENT- desde a 2ª metade do século XIII, fazendo, assim, recuar sensivelmente dois séculos o termo *a quo* para este fenómeno⁷.

Relativamente ao verbo *pedir*, constata-se que o mesmo possui o lexema PEÇ-, para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo (*peço*) e para a generalidade das pessoas do Presente do Conjuntivo (*peça, peçamos*, etc.), e o lexema PED- ~ PID- para os restantes tempos verbais (*pede, pedimos ~ pidimos*, etc.). Curioso neste verbo é o facto de esporadicamente apresentar formas da 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e da 3ª pessoa do singular e do plural do Presente do Conjuntivo cujo lexema corresponde a PID-. Este tipo de ocorrências documenta-se na 2ª metade do século XIII, nos *Foros de Castelo Rodrigo*, e na 1ª metade do século seguinte na *General Estoria*: *pido* – P1: Pres. Ind. (GE, p. 206, l. 32; p. 208, l. 2; p. 231, l. 18, etc.); *pydo* – P1: Pres. Ind. (GE, p. 282, l. 28); *pida* – P3: Pres. Conj. (FCR, p. 38, l. 11); *pidan* – P6: Pres. Conj. (FCR, p. 115, l. 11). Na documentação analisada, verifica-se que estas formas surgem de modo isolado relativamente às formas etimológicas, cujo lexema corresponde a PEÇ-, já que estas ocorrem habitualmente nos textos antigos analisados. O aparecimento de formas com o lexema PID- para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e para o Pre-

⁵ Ver CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (INIC – Coleção Linguística 9), 1986, n. 5 da p. 832: «Num percurso mais ou menos rápido feito através de antigos textos galego-portugueses, pude detectar alguns exemplos das formas analógicas do presente do indicativo (*seno*) ou do presente do conjuntivo (*seno, senas, sena*, etc.) apenas num período mais tardio, ou seja, durante os séculos XIV e XV».

⁶ É interessante notar a ocorrência de duas formas com *i* no lexema, pertencentes a outros tempos verbais (*sintiu* – P3: Pret. Perf. Ind. (CSM, c. 65, l. 33TO); *sjntir* – P3: Fut. Imperf. Conj. (LA, p. 43, l. 5), nas quais se fez sentir o fenómeno da harmonização vocálica, isto é, a vogal tónica *i* condiciona a elevação da vogal pretónica do lexema (*e > i*).

⁷ «As formas modernas com *i* no radical aparecem registadas em textos escritos a partir do século XV (...)». Cf. CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *História do galego-português (...)*, obra atrás citada, p. 834 e n. 1 da mesma página.

sente do Conjuntivo encontrava-se documentado desde o século XIV⁸. No entanto, e como salientámos anteriormente, é possível fazer recuar este marco até à 2ª metade do século precedente. Relativamente ao surgimento das formas em apreço, surgem explicações diferentes. Parece-nos, no entanto, aceitável aquela que pretende justificar a sua existência por analogia com o infinitivo *pidir* e as restantes pessoas do paradigma. Ao longo do período estudado, e nos vários documentos que foram objecto da nossa análise, foi possível registar diversas ocorrências de formas com o lexema PID- e não PED-, devido ao efeito harmonizador de *i* tónico sobre a vogal pretónica, e que, eventualmente, poderão estar na origem das formas atrás assinaladas: *pidia*, *pidide*, *pidir*, *pidindo*, *pidi*, *pidirom*, *pidisse*, etc.

Em relação ao verbo *arder*, as formas verbais recolhidas permitem observar a existência de dois lexemas distintos: o lexema ARD-, para a generalidade dos tempos e pessoas verbais, e o lexema ARÇ-, que se documenta na 3ª pessoa do singular do Presente do Conjuntivo (*arça*) em textos do século XIII. Importante é ainda o facto de neste período se ter registado a ocorrência única da forma *arda* – P3: Pres. Conj. numa composição poética do Cancioneiro Mariano (CSM, c. 55, l. 46). Tal facto poderá, assim, apontar para a coexistência de formas com os dois tipos de lexema no século XIII, sugerindo, provavelmente, que o processo de regularização dos paradigmas já se havia iniciado.

Digno de nota é ainda o aparecimento esporádico de formas do Presente do Conjuntivo do verbo *pedir* com o lexema PERD-, dado que o lexema mais frequente corresponde a PERÇ- (*perça*, *perçamos*, etc.) ou PERC- (*perco*, *percã*, etc.). Ocorrências daquele tipo documentam-se, essencialmente, nos *Foros de Castelo Rodrigo*, texto legislativo dos finais do século XIII, tendo-se recolhido uma forma isolada na *General Estoria*, obra datável da 2ª metade de Trezentos: *perda* – P3 (FCR, p. 22, l. 11; p. 37, l. 8; p. 43, l. 10, etc.); *perdamos* – P4 (GE, p. 45, l. 5); *perdan* – P6 (FCR, p. 105, l. 7; p. 123, l. 9).

Quanto aos verbos terminados em *-cer*, é igualmente interessante o registo, ainda que raro, de formas da 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e da 3ª pessoa do singular do Presente do Conjuntivo que revelam um afastamento do étimo latino (recorde-se que as formas etimológicas e predominantes são do tipo *connosco*, *gradesco*, *guarescam*, *merescades*, etc.), por analogia com a generalidade das pessoas e tempos verbais (*gradecedes*, *mereçemos*, *offerecerõ*, etc.). Deste modo, para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo, registou-se a forma *mereç'o* em duas composições das *Cantigas de Santa Maria* (CSM, c. 56, l. 50; c. 72, l. 6). Para a 3ª pessoa do singular do Presente do Conjuntivo, recolheu-se a forma *empeça* numa composição satírica da autoria de Fernan Soarez de Quinhones, datável da 2ª metade do século XIII, presente nas *Cantigas de escarnho e de mal dizer* (CEM, c. 144, l. 8); no *Livro de Alveitaria do Mestre Giraldo* estão documentadas as formas *arrefeeça* (LA, p. 11, l. 22), *naça* (LA, p. 7, l. 27) e *pareça*

⁸ Veja-se CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *História do galego-português (...)*, obra já citada, p. 800 e n. 4 da p. 798.

(LA, p. 27, l. 22). As formas atrás assinaladas, que se assemelham às formas modernas do português, à excepção da forma *naça*, revestem-se de grande importância, uma vez que o seu registo poderá indicar que formas deste tipo seriam usadas a partir da 2ª metade do século XIII⁹.

4 – Formas do perfeito e tempos afins: verbos *trager*, *prazer* e *jazer*

Os verbos aqui reunidos caracterizam-se pelo facto de apresentarem formas etimológicas, com os lexemas TROUX-, PROUG- e JOUG- que se encontram em variação com formas inovadoras, com os lexemas TROUV-, PROUV- e JOUV-, cujo surgimento é habitualmente explicado por analogia com *houve*, Pretérito Perfeito de *haver*.

No que concerne o verbo *trager*, cujo lexema mais frequente corresponde a TROUX- (*trouxe*, *trouxestes*, *trouixerã*, etc.), registam-se esporadicamente formas verbais com o lexema TROUV- (e a sua variante TROV-). É interessante notar que tais formas aparecem principalmente em textos datáveis da 1ª metade do século XIV, nomeadamente nos livros de linhagens – *trouveste* – P2: Pret. Perf. Ind. (LLCP, p. 209, pg. 1, l. 91); *trouve* – P3: Pret. Perf. Ind. (LLD, p. 141, pg. 6, l. 4 / LLCP, p. 75, pg. 4, l. 5, etc.); *trouvestes* – P5: Pret. Perf. Ind. (LLCP, p. 251, pg. 15, l. 296); *trouverom* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLCP, p. 94, pg. 4, l. 4; p. 181, pg. 2, l. 8, etc.); *troveram* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLD, p. 192, pg. 7, l. 9); *trouvera* – P3: P. m. q. Perf. Ind. (LLCP, p. 254, pg. 15, l. 266; p. 432, pg. 9, l. 17); *trouvesse* – P3: Pret. Imperf. Conj. (LLCP, p. 207, pg. 1, l. 53), mas também nas *Partidas de Afonso X* – *trouvess*□ – P6: Pret. Imperf. Conj. (PAX, p. 29, l. 389); *trouver* – P6: Fut. Imperf. Conj. (PAX, p. 32, l. 488), na tradução galega da *Crónica General y da Crónica de Castilla* – *trouuesse* – P3: Pret. Imperf. Conj. (TCG, p. 545, l. 11) e num texto notarial galego datado de 1308 – *trouuerdes* – P5: Fut. Imperf. Conj. (HGP, p. 84, t. 33, l. 10). No entanto, nos finais do século XIII, na tradução portuguesa do *Fuero Real* de Afonso X, também se registou uma única ocorrência da forma *trouuer* – P3: Fut. Imperf. Conj. (FR, liv. IV, l. 857).

Nos tempos do perfeito do verbo *prazer*, as formas etimológicas, com o lexema PROUG- ~ PLOUG- (*prougue*, *prouguera*, *plougue*, *plouguesse*, etc.), documentadas ao longo de todo o período estudado e, por conseguinte, maioritárias, coexistem com formas analógicas, com o lexema PROUV- ou PLOUV-, cujo surgimento, como já foi referido, é habitualmente explicado por analogia com *houve* e situado no século XIV. Os textos por nós estudados revelam, no entanto, que formas deste tipo começam a surgir já a partir da 2ª metade do século XIII, como o indiciam as formas *prouuo* – P3: Pret. Perf. Ind., recolhida num documento

⁹ Refira-se, a propósito, que Clarinda Maia, no conjunto da documentação notarial analisada, registou somente a ocorrência da forma *enpeça* num texto galego do início do século XVI ou, mais concretamente, escrito em 1516. Cf. CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *História do galego-português (...)*, obra já citada, p. 732.

notarial galego datado de 1278 (HGP, p. 74, t. 25, l. 12); *proue* – P3: Pret. Perf. Ind., na obra legislativa *Flores de Dreyto* (FD, p. 30, l. 592), e *prouer* – P3: Fut. Imperf. Conj. no *Foro Real* de Afonso X (FR, liv. I, l. 106-163, etc.). No entanto, é em textos de prosa literária, pertencentes à 2ª metade do século seguinte que se regista um maior número de ocorrências: *proue* – P3: Pret. Perf. Ind. (LLCP, p. 246, pg. 15, l. 132); *plouvo* – P3: Pret. Perf. Ind. (GE, p. 126, l. 9, etc.); *desaprouveram* – P6: Pret. Perf. Ind. (LLCP, p. 70, pg. 12, l. 2); *plouvese* – P3: Pret. Imperf. Conj. (GE, p. 278, l. 1); *aplouvesse* – P3: Pret. Imperf. Conj. (GE, p. 295, l. 37); *prouer* – P3: Fut. Imperf. Conj. (LLCP, p. 253, pg. 15, l. 254).

Deveras curiosa é a situação oferecida pelo verbo *jazer*, uma vez que na análise dos textos se verifica o predomínio de formas com o lexema JOUV- (*joue*, *jouverõ*, *jouvera*, *jouverdes*, etc.), sendo escassas as formas com o lexema etimológico JOUG-. As únicas ocorrências deste tipo estão documentadas, sobretudo, em textos da 1ª metade do século XIV¹⁰, mais concretamente em duas obras de carácter literário – *General Estoria* – *jougo* – P3: Pret. Perf. Ind. (GE, p. 201, l. 6; p. 214, l. 29) e *Traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla* – *iouguessẽ* – P6: Pret. Imperf. Conj. (TCG, p. 209, l. 54) e num documento notarial galego datado de 1302 – *iouguer* – P3: Fut. Imperf. Conj. (HGP, p. 144, t. 61, l. 13). Contudo, nos *Foros de Castelo Rodrigo*, obra legislativa dos finais do século XIII, também se regista a ocorrência isolada da forma *iouguer* (FCR, p. 121, l. 2) que apresenta o lexema em apreço.

As considerações tecidas até ao momento sobre os efeitos do nivelamento analógico no sistema verbal do galego-português podem ser sintetizadas no quadro que se segue:

FORMAS ANALÓGICAS (Síntese)

Descrição do fenómeno	Verbos	Tempos Verbais	Formas verbais	Cronologia	Tipos de fontes
Analogia com o infinitivo	<i>teer</i> <i>viir</i> <i>poer</i> <i>valer</i> <i>sair</i> <i>falir</i>	Futuro e Condicional	<i>tereí, teeras</i> , etc. <i>ueria, viria</i> , etc. <i>pora, poremos</i> , etc. <i>valerá, valeria</i> , etc. <i>sairás, sayriam</i> , etc. <i>falirá, falirám</i> .	A partir da 1ª met. do séc. XIII (?)	Obras literárias, legislativas e técnicas; poesia trovadoresca
Analogia com P1 do Pret. Perf. Ind.	<i>fazer</i> <i>teer</i>	Pretérito Perfeito e tempos afins	<i>fiziste, fizessem</i> , etc. <i>tivesses, tiverom</i> , etc.	A partir da 2ª met. do séc. XIII	

¹⁰ Na 2ª fase arcaica da língua, Antonino Silva não recolheu nenhuma forma do pretérito com esse tipo de lexema. Cf. ANTONINO DE ALMEIDA E SILVA, *O sistema verbal do português arcaico. O papel da analogia na regularização dos paradigmas verbais do português arcaico da segunda fase*. Dissertação de Mestrado, inédita. Coimbra (Faculdade de Letras de Coimbra), 1998, p. 113.

Analogia com as restantes pessoas do Pres. Ind. e dos outros tempos do não-perfeito	<i>sentir</i> <i>pedir</i> <i>arder</i> <i>perder</i> <i>-cer</i>	Presente do Indicativo (P1) Presente do Conjuntivo	<i>sentto, synta, etc.</i> <i>pido, pidan, etc.</i> <i>arda</i> <i>perda,</i> <i>perdamos, etc.</i> <i>mereç'o, pareça,</i> <i>etc.</i>	A partir da 2ª met. do séc. XIII (?)	Obras literárias e legislativas; poesia trovadoresca; textos notariais; cartas régias
Analogia com <i>houve</i>	<i>trager</i> <i>prazer</i> <i>jazer</i>	Pretérito Perfeito e tempos afins	<i>trouveste,</i> <i>trouvesse</i> <i>prouve, prouuer,</i> <i>etc. jouve,</i> <i>jouverdes, etc.</i>	A partir da 2ª met. do séc. XIII	

Observando o quadro supra-apresentado, constata-se que a acção da analogia se manifesta de diferentes formas. Deste modo, o estudo efectuado revela que a partir da 1ª metade do século XIII foi possível fazer a recolha, em diferentes tipos textuais, de formas esporádicas do Futuro do Indicativo e do Condicional dos verbos *teer*, *viir*, *poer*, *valer*, *sair* e *falir*, que apresentam a vibrante simples, certamente por analogia com o infinitivo desses verbos. O aparecimento de formas deste tipo, embora possua um carácter excepcional relativamente às etimológicas, reveste-se de grande importância, uma vez que nos permite concluir que as formas usadas no português moderno poderão ter começado a desenvolver-se já na fase galego-portuguesa, mais concretamente a partir da 1ª metade do século XIII, como o atestam raras abonações. É, no entanto, na 2ª metade deste século e na 1ª metade de Trezentos que estas formas de tipo analógico começam a ganhar um pouco mais de vitalidade.

Outro aspecto deveras curioso reside no facto de terem sido registadas várias abonações de formas do perfeito e tempos afins dos verbos *fazer* e *teer*, cujo lexema possui a vogal *-i-*, e não a vogal *-e-*, como habitualmente sucede, por expansão do lexema da 1ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo às restantes pessoas. O surgimento destas formas verifica-se em diferentes fontes documentais e é observável a partir da 2ª metade de Duzentos, comprovando, assim, que as formas actuais do português, ainda que com um estatuto minoritário, começaram a concorrer com as mais antigas desde muito cedo.

Não menos interessante é a situação oferecida pelos verbos *sentir*, *pedir*, *arder*, *perder* e verbos terminados em *-cer*. Relativamente a estes verbos, a reconstituição dos paradigmas revela que os mesmos possuem um lexema específico para a 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e para o Presente do Conjuntivo. Todavia, e de modo esporádico, foi possível observar a ocorrência de formas da 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo, que denotam a influência analógica das restantes pessoas do paradigma, e de pessoas do Presente do Conjuntivo, possivelmente por analogia com as pessoas dos restantes tempos do não-perfeito. É interessante assinalar que esta tentativa de regularização dos paradigmas começou a desenvolver-se a partir da 2ª metade do século XIII, acabando por ser bem sucedida nos verbos *sentir*, *arder*, *perder* e nos verbos terminados em *-cer*, contrariamente

ao verbo *pedir*, cujas formas da 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo e do Presente do Conjuntivo ainda hoje mantêm o lexema etimológico.

A acção da analogia é igualmente visível no perfeito e tempos afins dos verbos *trager*, *prazer* e *jazer*, uma vez que o surgimento dos respectivos lexemas TROUV-, PROUV- e JOUV- é habitualmente explicado por influência do Pretérito Perfeito de *haver*. Parece-nos, no entanto, importante salientar que os dados recolhidos sugerem que a influência analógica de *houve* não se fez sentir com a mesma intensidade nem ao mesmo tempo nos três verbos aqui reunidos. Deste modo, constata-se que o verbo *jazer* é o único cujo lexema JOUV- se encontra generalizado na documentação analisada. O verbo *prazer* também apresenta algumas formas com o lexema PROUV- na 2ª metade do século XIII, mas é no século seguinte que se regista um maior número de ocorrências, embora continuem a ser minoritárias quando cotejadas com aquelas que possuem o lexema PROUG-. Para o verbo *trager*, apenas se recolheram formas esporádicas com o lexema TROUV- na 1ª metade de Trezentos, exercendo o lexema TROUX- um papel dominante, tendo mesmo acabado por triunfar.

Por conseguinte, e com base nas considerações feitas anteriormente, pensamos poder afirmar que a regularização dos paradigmas verbais ter-se-á iniciado na fase galego-portuguesa da língua, mais concretamente no século XIII (nomeadamente na 2ª metade), tendo vindo a intensificar-se na 1ª metade do século seguinte. É, todavia, na 2ª fase do português arcaico (de meados do século XIV ao primeiro quartel do século XVI) que se operam as maiores mudanças na flexão verbal, assistindo-se ao progressivo desaparecimento das formas etimologicamente irregulares, em virtude da regularização dos paradigmas¹¹.

Bibliografia citada

- Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa* (org. e coord. por Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani), Lisboa (Editorial Caminho), 1993.
- GONÇALVES, Maria Fernanda Moreira – *A morfologia verbal do galego-português. Contributos para um estudo sincrónico-descritivo*. Dissertação de Mestrado, inédita. Coimbra (Faculdade de Letras de Coimbra), 1999.
- MAIA, Clarinda de Azevedo – *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (INIC – Coleção Linguística 9), 1986.
- SILVA, Antonino de Almeida e – *O sistema verbal do português arcaico. O papel da analogia na regularização dos paradigmas verbais do português arcaico da segunda fase*. Dissertação de Mestrado, inédita. Coimbra (Faculdade de Letras de Coimbra), 1998.

¹¹ «A regularização de cada paradigma, em particular, e de toda a conjugação, em geral, é um facto indesmentível e essas mudanças ocorrem maioritariamente no período que constitui o termo *a quo* [1350] e o termo *ad quem* [início do séc. XVI] desta dissertação, ficando ainda pequenas marcas de irregularidade que se estenderam pelos séculos posteriores e algumas delas chegaram até aos dias de hoje». Cf. ANTONINO DE ALMEIDA E SILVA, ob. cit, p. 146.

Abreviaturas das fontes documentais

- CA – *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904). (Acrescentada de um prefácio de Ivo de Castro e do *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, publicado na *Revista Lusitana*, vol. XXIII, 1920). 2 vols. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1990. Interessa, de modo particular, o volume I.
- CEM – *Cantigas de escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2ª edição revista e acrescentada pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. [Vigo] (Ed. Galaxia), 1970.
- CSM – AFONSO X – *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann. 4 volumes. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), vol. I, 1959; vol. II, 1961; vol. III, 1964 e vol. IV, 1972.
- DAG – SPONER, Margot – *Documentos antiguos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol. VII, 1934, p. 113-138, 140-158, 162-165 e 188-191.
- DMSCC – GOMES, Saul António – *Documentos medievais de Santa Cruz de Coimbra*. I – Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Separ. de *Estudos Medievais*. Porto (Centro de Estudos Humanísticos. Secretaria de Estado da Cultura. Delegação Regional do Norte), 1988, p. 80-103.
- DPC – DUARTE, Luiz Fagundes – *Documentos em português da chancelaria de D. Afonso III (edição)*. Curso de Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica. Lisboa (Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa), 1986. Tese de Mestrado, inédita.
- FCR – CINTRA, Luís F. Lindley – *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa (Publicações do Centro de Estudos Filológicos), 1959.
- FD – JUNTA, Jacob de – *Flores de Dereyto*. Edição (segundo o códice nº 4 do maço 6º de *Forais Antigos* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), estudo e glossário por José de Azevedo Ferreira. Braga (Universidade do Minho), 1989.
- FR – FERREIRA, José de Azevedo – *Afonso X, Foro Real*. Vol. I (Edição e estudo linguístico); vol. II (Glossário). Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1987.
- GE – *General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O. I. I. del Escorial*. Edición, introducción lingüística, notas y vocabulario de Ramón Martínez-López. Oviedo (Universidad de Oviedo. Facultad de Filosofía y Letras. Publicaciones de *Archivum*), 1963.
- HGP – MAIA, Clarinda de Azevedo – *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1986.
- LA – *Livro d'alveitaria do Mestre Giraldo*. Publicado por Gabriel Pereira. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XII, 1909, p. 1-60.
- LLCP – *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edição crítica por J. Mattoso e Joseph Piel. In: *Portugaliae Monumenta Historica*. Nova Série, II. Lisboa (Academia das Ciências), 1980.

- LLD – *Livros Velhos de Linhagens [Livro do Deão]*. Edição crítica por J. Mattoso e Joseph Piel. In: *Portugaliae Monumenta Historica*. Nova Série, I. Lisboa (Academia das Ciências), 1980.
- LV – *Livros Velhos de Linhagens [Livro Velho]*. Edição crítica por Joseph Piel e J. Mattoso. In: *Portugaliae Monumenta Historica*. Nova Série, I. Lisboa (Academia das Ciências), 1980.
- PAX – DIAS, Aida Fernanda – *As Partidas de Afonso X: novos fragmentos em língua portuguesa (Fragmentos da segunda e sétima Partidas)*. Separ. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XX, 1994.
- TCG – LORENZO, Ramón – *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. 2 vols. Orense (Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”), 1975 e 1977.